

## ARMADILHAS, CILADAS E SEDUÇÃO

Regina Zilberman  
UFRGS; FAPA; CNPQ

Parafrazeando Riobaldo, protagonista de *Grande sertão: veredas*, romance de João Guimarães Rosa, ler pode ser “ negócio muito perigoso”.<sup>1</sup> Que o digam tantas personagens de outras obras literárias, desde as mais prestigiadas, como o Quixote e Ema Bovary, até as senhoritas da corte carioca do século XIX brasileiro. Em “Confissões de uma viúva moça”, que Machado de Assis publicou primeiramente no *Jornal das Famílias*, em 1865 e, depois, em *Contos fluminenses*, de 1870, a narradora acusa os livros de lhe terem transmitido uma visão equivocada do amor, que a levaram a apaixonar-se pela pessoa errada:

Até então eu não tinha visto o amor senão nos livros. Aquele homem parecia-me realizar o amor que eu sonhara e vira descrito.<sup>2</sup>

Em “A mulher de preto”, uma das personagens, Estêvão, coloca a leitura de livros entre os hábitos que formam uma mulher fútil e leviana:

Uma menina que deixa as bonecas para ir decorar mecanicamente alguns livros mal escolhidos; que interrompe uma lição para ouvir contar uma cena de namoro; que em matéria de arte só conhece os figurinos parisienses; (...) esta menina pode vir a ser um esplêndido ornamento de salão e até uma fecunda mãe de família, mas nunca será uma mulher.<sup>3</sup>

Mais de vinte anos depois, no romance *Lar*, Pardal Mallet reitera o posicionamento expresso pela personagem de Machado de Assis. A protagonista, Sinhá, moça carioca de classe média, vive, na adolescência, fase de leitura intensiva, absorvida por livros que lhe provocam “novas sensações”<sup>4</sup> e fazem-na sonhar uma existência de fantasia:

---

<sup>1</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. p. 11.

<sup>2</sup> ASSIS, Machado de. Confissões de uma viúva moça. In: \_\_\_\_\_. *Contos fluminenses*. São Paulo: Mérito, 1959. p. 210.

<sup>3</sup> ASSIS, Machado de. A mulher de preto. In: \_\_\_\_\_. *Contos fluminenses*. São Paulo: Mérito, 1959. p. 94.

<sup>4</sup> MALLET, Pardal. *Lar*. Rio de Janeiro: Tipografia Central, 1888. p. 213.

Oh! como sentia vontades de viver a vida daquela gente ali do livro! E lia, lia com pela espinha uns tremores sensuais, umas volúpias que lhe faziam frio na medula e uns calores febris no cérebro congestionado.

(...) Sonhando umas coisas estrambólicas, umas outras leituras assim compridas a botar-lhe no corpo as lubricidades românticas.<sup>5</sup>

Detalhando a recepção de Sinhá, Mallet ressalta o ângulo negativamente erótico com que se dá a relação da leitora com a ficção literária:

À noite, esperava que todos se deitassem, que a Ângela tivesse amortecido em lamparina o gás da sala de jantar, para reacender a vela e recomeçar a leitura. Fazia-a febricitante, tendo por vezes paradas bruscas durante as quais ficava a olhar vagamente um indefinido estranho, a cismar uns mundos de fantasia.<sup>6</sup>

A propensão escapista da leitura também atinge moças pertencentes à baixa classe média fluminense, de que é exemplo Violante, irmã de Paulo, protagonista de *Turbilhão*, obra de 1906 escrita por Coelho Neto. A jovem “passava os dias na cadeira de balanço, a ler romances”, que alimentavam sua fantasia e alienavam-na dos problemas familiares:

Quando lhe morreu o pai, já mocinha, sentiu-se como deserddada: foi como se, com ele, houvesse perdido uma fortuna que já possuía e um noivo que já a visitava em sonhos, formoso como os príncipes dos romances que ela devorava, revendo-se, com enlevo, em todas as heroínas.<sup>7</sup>

Não só a leitura prejudica a formação das mulheres na corte e, depois, capital da República, mas também na província, conforme sugere a trajetória de Maria do Carmo, de *A normalista*, de Adolfo Caminha, de 1892, cuja ação transcorre em Fortaleza. E nem só nas cidades, mas igualmente no meio rural, segundo testemunha cena retratada por Luís Guimarães Junior, em “A alma do outro mundo”, de *Contos sem pretensão*, coletânea de 1872. A protagonista, Rosinha, moça do interior de Pernambuco, é leitora assídua, contrariando a vontade do pai, que atribui aos livros a deformação intelectual da filha:

---

<sup>5</sup> Id. p. 214.

<sup>6</sup> Id. p. 218-219.

<sup>7</sup> COELHO NETO. *Turbilhão*. In: \_\_\_\_\_. *Obra seleta*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. V. 1, p. 836.

Ao penetrar no quarto da filha as pernas oscilavam-lhe, como um mato de bambus, fustigados pelo vento norte. (...) José Paz criou coragem, e abriu com a mão febril o baú da filha.

O quarto estava às escuras; por precaução o matuto apagara o candieiro e o velho lampião, únicas luminárias dos seus domínios. Foi pelo tato que ele se aventurou entre as cassas, crivos e chitas do pobre guarda roupa da menina. Apalpou os cantos do baú, e seus dedos curtos arranharam a capa de cinco ou seis livros. Era a biblioteca de Rosinha: o *Simão de Nantua*, o *Tesouro de meninas*, *Paulo e Virgínia* e outras produções da musa inocente e simples. O larápio, que descobre um saco de moedas, não exala suspiro de maior satisfação do que o que rugiu nas cavernas do peito de José Paz. Apertou nas mãos frenéticas os livros e uniu-os ao seio úmido e agitado.<sup>8</sup>

Na seqüência, José Paz queima os livros, esperando com esse gesto salvar a filha do mal:

Lançou nesse novo auto de fé, os livros em primeiro lugar, um por um, rasgando-lhes as folhas purificadas pelos olhos da ingênua leitora.

Quando se faziam em cinzas os volumes do *Tesouro de meninas*, ele exclamava, batendo palmas e soltando uns uivos de alegria lupina:

- Queima-te, diabo! queima-te, cão! Arde praí, tinhoso de uma figa!

Sucedeu ao *Tesouro de meninas* o proverbial *Simão de Nantua*, a este o mimo de Bernardino de Saint-Pierre, e assim por diante. José Paz saboreava o estrago com o entusiasmo dos inquisidores espanhóis nas suas piedosas vinganças.<sup>9</sup>

Rosinha interpela o pai, perguntando-lhe o que acontece, ao que José Paz responde, justificando seu ato:

---

<sup>8</sup> GUIMARÃES JUNIOR, Luís. A alma do outro mundo. In: \_\_\_\_\_. *Contos sem pretensão*. Rio de Janeiro: Garnier, 1872. p. 48.

<sup>9</sup> Id. p. 50.

- Queimei tudo! tudo! tudo! bradou José Paz, com um grito de entusiasmo... O teu vestido, a ventarola, os livros, os sapatos, tudo o que te estava tirando o sono e fazendo-te ficar triste à toa!

- Mas está doido, Deus do céu!

José Paz ria-se freneticamente e agarrando nas mãos geladas da filha:

- Já o demônio não te há de tentar mais, nunca mais, nunca mais! Foi o vigário quem me ensinou o remédio!<sup>10</sup>

Hugo de Carvalho Ramos igualmente traduz o modo como se dá a relação das pessoas do campo com os livros e a leitura, destacando o papel que a fantasia exerce enquanto transfiguração para uma realidade diferente e melhor.

Na novela “Gente da gleba”, de 1922, destaca primeiramente o lugar ocupado pelo livro no âmbito da vida doméstica das personagens:

.Na sala, presa das escápuas, roçagante, pendia a larga rede cuiabana, atravessando de lado a lado o pavimento de massapé. O resto da mobília espalhava-se em torno, meia dúzia de tamboretas de couro tauxiado ao pé da mesinha de costura, de cujo balaio transbordavam entremeios de crochê, um cabeção de crivo, alinhavos inacabados de corpete, junto ao castiçal de latão sobre um volume encadernado da história de Carlos Magno e dos pares de França.<sup>11</sup>

Mais adiante, reproduz a cena de leitura, em que predomina a transmissão oral, para, na seqüência, chamar a atenção para a mutação porque passa a leitora, por efeito da recepção das obras:

Às vezes lia. Histórias tocantes de Genoveva de Brabante ou as aventuras dos doze pares de França, livro tido em grande estima no sertão, cuja leitura, nos serões solarengos das fazendas do interior, era feita em torno do lampião de que-rosene à família atenta, que tinha herdado da idade feudal, através do drama das

---

<sup>10</sup> Id. p. 51-52.

<sup>11</sup> RAMOS, Hugo de Carvalho. Gente da gleba. In: \_\_\_\_\_. *Tropas e boiadas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. p. 70.

conquistas, aquele gosto barbaresco de façanhas guerreiras, postas em prática anualmente na sede dos municípios com o espetáculo faustoso das cavalhadas.

Nhá Lica fazia em casa essas leituras. Começava quase sempre pelo episódio da Princesa Floripes, de que tinha um secreto prazer em acentuar a animosidade e o ardor belicoso com que, abrasada toda por converter-se à fé cristã de seu amado Gui de Borgonha, acirrava contra as hostes de seu pai os cavaleiros cativos na torre de Ferrabrás...

E uma noite, recolhendo-se um tanto excitada daquelas narrativas, sonhou que estava encerrada numa alta torreola, como a que armaram a vez passada em Curralinho, e Dito era o moço paladino que viera libertá-la dos furores paternos do Almirante Balão, encarnado na figura venerável de seu velho pai... De então, ao reler aquelas páginas, sentia-se enleada por um sentimento obscuro e era com desafogo que passava aos amores da Rainha Angélica com o sobrinho do Imperador, o destemido Roldão, corajosamente encerrado no interior do leão mágico...<sup>12</sup>

Á censura explícita da sociedade, parece somar-se a censura da própria literatura, expressa dentro e fora das obras. Júlia Lopes de Almeida, contemporânea de vários dos escritores até aqui citados, sugere que as mulheres empreguem a cautela aos escolherem os livros, recomendando, no *Livro das noivas*, “leitura (...) são, bem feita”, não “o romance de enredo”, com “as cenas imprevistas, as astúcias de lacaios e de agentes falsos, os véus negros de adúlteras em entrevistas amorosas, e os lampejos de espadas no *campo da honra!*”<sup>13</sup> Mesmo Clarice Lispector, quando assinou, com o pseudônimo de Helen Palmer, a coluna “Correio feminino”, no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, recomendou que as mulheres fizessem leituras mais adequadas e mais qualificadas, para aproveitarem melhor o tempo destinado aos livros:

As mulheres deveriam ler mais? – E acrescentaríamos ler mais e melhor. Não adiantaria nada que as mulheres passassem a ler mais, se não procurassem ler melhor. A seleção na leitura é algo imperioso. Do contrário, o tempo perdido na

---

<sup>12</sup> Id. p. p. 108-109.

<sup>13</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das noivas*. 3. ed. Rio de Janeiro, s.e., 1896. p. 37.

leitura de páginas medíocres não compensaria sacrificar horas de trabalho ou de repouso, para no final das contas nada aprender.<sup>14</sup>

As reações podem tornar clandestina a leitura, obrigando o leitor a refugiar-se em locais aparentemente pouco apropriados, como lembra Augusto Meyer, em suas memórias, que recorda, em *No tempo da flor*, cenas como essa, em que, refugiado no telhado, experimenta curioso processo de identificação com o romance lido, no caso *O sertanejo*, de José de Alencar:

Imagine-se, porém, a impressão duradoura que havia de saltar aquele rapazote que se refugiava no telhado para ler em paz Alencar, e ali ficava horas e horas em declive num velho colchão meio estripado, ao descobrir o seguinte, no sexto capítulo de *O sertanejo*: “Nos últimos ramos, lá no tope do jaracandá, havia o sertanejo armado a rede, em que se embalava. Devia de achar-se mais de cem pés acima da terra; e nessa grande altura, suspensos por duas finas cordas de algodão trançado, estava mais tranqüilo do que se pousasse no chão, onde o poderiam incomodar a má companhia dos répteis e a visita de alguma fera. Ali, em seu pavilhão de verdura, grimpado nos ares, não tinha outros vizinhos além de uma juriti, que fabricara o ninho no próximo galho, e acabava de ruflar as asas à sua chegada para dar-lhe boa-noite. Através de rendilhado da folhagem, como por entre os bambolins de fina escócia de uma recâmara, o sertanejo recostado no punho da rede, que oscilava ao frouxo balanço, descortinava toda a devesa que se estendia das encostas da serra pelos tabuleiros, até onde a vista alcançava.”

Se bem me lembro, deu-se uma verdadeira transfusão de almas; leitura e vida pulsavam no mesmo ritmo da experiência. Eu, no alto do meu telhado, como Arnaldo no alto do jacarandá, éramos uma só e a mesma pessoa. Por cima do telhado vizinho, enfolhava a ramaria da paineira, e alguns ramos vinham recobrir as telhas. Ao nível em que me achava, parecia perfeita a confirmação da imagem subjetiva da leitura; também eu era uma espécie arborícola, como Ar-

---

<sup>14</sup> LISPECTOR, Clarice. *Correio Feminino*. Org. de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 38. A crônica foi publicada originalmente em 25 de janeiro de 1961.

naldo, e pendia de um galho de árvore, embalando-me em pensamento na mesma rede. Como herói da história, ao devassar num relance de olhos a devesa, bastava erguer-se um pouco, e logo estendia-se a vista pelo pitoresco amontoado de chácaras, quintais, casas e ruas, com seu contraste de beirais e açotéias.

A corruíra, que morava num vão de telha e já estranhava o seu preguiçoso vizinho, substituía com a mesma graça a juriti companheira do sertanejo. Não faltava nem mesmo a presença da outra companheira, a onça, que ali se achava dignamente representada pelo gato da casa, amigo daquelas alturas contemplativas e sócio das minhas orgias literárias; estreitando a frincha das pupilas à clareza crua, parecia aprová-las com filosófica e profunda complacência.<sup>15</sup>

Maria Helena Cardoso, por sua vez, escolhe espaço igualmente peculiar para ter a tranqüilidade de ler, longe da censura doméstica:

À hora do jantar saía de debaixo da cama, pulava de novo a janela e entrava pela porta da frente como se estivesse chegando naquele momento da casa de vovó. Deitada debaixo da cama, com luz insuficiente, os braços cansados de manter o livro a altura dos olhos, lia toda uma enviada de livros a mais disparatada possível: *Capitain, Pardaillan, Fausta Vencida* de Miguel Zevacco, *O Piano de Clara, O Violino do Diabo, Anjos da Terra*, de Perez Escrich, *Memórias de um Médico, Visconde de Bragelone, Vinte Anos Depois, Conde de Monte-Cristo*, de Alexandre Dumas, quase tudo de Júlio Verne, todos os fascículos de Sherlock Holmes, Nick Carter e Arsène Lupin e os primeiros romances de Paul Bourget, em grande moda, da *Bibliothèque de Ma Fille, a Filha do Diretor do Circo*, que me pôs triste por muitos dias, tudo misturado com *Recordações da Casa dos Mortos, Le Crime de Sylvestre Bonnard, Le Lys Rouge, Crime e Castigo* e muita coisa de que não me lembro. Mas não havia livro que chegasse para a minha enorme sede. Como não tinha dinheiro para comprar, recorria as colegas do colégio, lia escondido os do meu tio e o vendeiro vizinho nos emprestava alguns: *O Judeu Errante*, de Eugênio Sue e vários fascículos dos *Dramas*

---

<sup>15</sup> MEYER, Augusto. Alencar no telhado. In: \_\_\_\_\_. *No tempo da flor*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; ED. da UFRGS, 1996. p. 141-142.

*do Novo Mundo*, de Gustavo Aymard, além de alguns de Escrich. Siô Mané e Siô Chico, além de nossos fornecedores de gêneros, contribuíam também para o nosso desenvolvimento intelectual. Quando não havia outra fonte onde buscar, lá ia atrás deles, que sempre desencavavam algum velho romance de Escrich ou façanhas de índios americanos. Outro meio de arranjar eram os amigos de Dauto, sendo necessário, porém, que lhe pagasse quatrocentos réis para comprar cocada baiana na venda de Zé Miliano, botequineiro da esquina da rua. Como o pagamento era sempre adiantado, passava antes pela venda, comprava as cocadas e depois então ia em busca de Caio Libano ou outro que tivesse livros. Em casa, esperava impaciente, chegando a calçada de minuto em minuto para ver se ele aparecia na esquina. Mas, qual, as horas passavam e nada. Já sabia: era só procurá-lo no quintal e encontrava-o trepado no mais alto galho do abacateiro. Tinha conseguido entrar num dos momentos em que estava no interior e subira na árvore para se livrar de mim. Não podia atingi-lo, pois não tinha coragem de subir tão alto. Embaixo, pedia, chorava, ameaçava e ele, nada.

Só descia depois que tinha acabado de ler o livro todo que eu tinha pago para que buscasse pra mim.<sup>16</sup>

A censura abre-se, pois, em várias alternativas: dos livros que desautorizam a recepção que seus similares suscitam, aos escritores que repreendem leitores, dos familiares que reprovam o gosto de ler, às instituições que policiam a circulação das obras – eis um horizonte contraditório, que coloca o livro, a leitura e o leitor no limite da legalidade. Ler, segundo muitos, pode ser mesmo “negócio muito perigoso”.

Não surpreende que a história das bibliotecas esteja permeada por destruições e dilapidações, conforme narram Matthew Battles, em *A conturbada história das bibliotecas*,<sup>17</sup> e Fernando Báez, em *História universal da destruição dos livros*.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> CARDOSO, Maria Helena. *Por onde andou meu coração*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1984. p. 97.

<sup>17</sup> Cf. BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Planeta, 2003.

<sup>18</sup> Cf. BÁEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros*. Das tábuas da Suméria à guerra do Iraque. Trad. de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Da sua parte, as bibliotecas, enquanto objeto de desejo e sedução, têm, igualmente, muitas histórias a contar. Em “A mulher de preto”, já mencionado conto de Machado de Assis, uma das personagens, Meneses, mostra ao protagonista, Estêvão, “seu gabinete de trabalho, onde haviam duas longas estantes de livros” e comenta:

- É a minha família, disse o deputado mostrando os livros. História, filosofia, poesia... e alguns livros de política. Aqui estudo e trabalho. Quando cá vier é aqui que o hei de receber.<sup>19</sup>

Mesmo na ficção, porém, elas estão ameaçadas de destruição, sendo o incêndio da livraria de D. Quixote a expressão mais acabada da ameaça representada pela leitura. Luciano Canfora, em *Livro e liberdade*, examina a constituição das bibliotecas fictícias encontráveis no romance moderno, como as que aparecem em duas obras paradigmáticas, o já lembrado *D. Quixote*, de Miguel de Cervantes, e *O vermelho e o negro*, de Stendhal.<sup>20</sup>

Canfora aborda o acervo do Sr. de la Mole, em *O vermelho e o negro*, comparando-o com o do Cavaleiro da Triste Figura, formado esse por livros de cavalaria e de aventura. Verifica que a biblioteca de D. Quixote não é tão populosa, quanto a do Sr. de la Mole, onde Julien Sorel, o herói do romance, trabalha por um tempo, ao lado das obras que fazem sua cabeça revolucionária e ambiciosa. O que interessa, em ambas as cenas, não é, contudo, confrontar os acervos, mas destacar uma circunstância comum às duas personagens: a leitura de obras literárias e filosóficas os induziu à ação, estabelecendo-se a relação entre o livro e a liberdade, tema antecipado pelo título da coletânea de ensaios.

Exposta a tese principal, Canfora desenvolve-a nos demais estudos, privilegiando não as coleções públicas, mas as particulares, tais como as das figuras citadas. Discorre sobre os proprietários de bibliotecas pessoais, indo e vindo no tempo para demonstrar o poder dos livros sobre os leitores, fazendo-os homens livres e desafiadores. Por isso, no texto mais extenso, que fecha a coletânea, trata das ameaças que cercam os indivíduos que ousam afrontar o sistema dominante, calcados no conhecimento adquirido. Seus exemplos provêm da ação de cientistas e intelectuais, como Giordano Bruno e Denis Diderot, que, embora ví-

---

<sup>19</sup> ASSIS, Machado. Op. cit. p. 91.

<sup>20</sup> Cf. CANFORA, Luciano. *Livro e liberdade*. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Atelier, 2003.

timas da perseguição e da má-fé, não abriram mão de suas idéias, nem se intimidaram, mesmo diante da força policial, da prisão e da morte.

Que a leitura carrega algum pendor revolucionário e transgressor, sugerem-no as diferentes facetas com que a censura e a repressão se manifestam, desde as mais violentas, como os autos-de-fé reais e imaginários, citados ou não, entre os quais a punição de que foi alvo o dramaturgo Antônio José da Silva, o Judeu, nascido no Brasil e popular no Portugal de D. João V, onde e quando foi condenado à morte na fogueira pela Inquisição.

É desafiador pensar sobre o conteúdo daquele pendor, muitas vezes identificado ao impulso eminentemente emancipador que a leitura traz consigo.<sup>21</sup> Essa qualidade pode ser reconhecida sobretudo nas obras de filosofia e história, que questionam o senso comum, rejeitam as convenções e estimulam a reflexão. A literatura pode igualmente produzir esses efeitos, que são, por sua vez, colaterais, já que não pertence à sua natureza gerar questionamentos, motivar reflexão ou solucionar problemas. Esses objetivos podem ser alcançados por um gênero como a auto-ajuda, mas esse não pode absorver e abranger tudo o que pode a literatura.

Talvez se deva interrogar as obras literárias, e as narrativas em particular, para se chegar à resposta à pergunta sobre a propensão transgressiva da literatura que, como se observa, se transfere à leitura.

Tomemos dois dos poemas mais antigos produzidos pela humanidade, a *Ilíada* e a *Odisséia*. O primeiro escolhe como tema a cólera de Aquiles, “cólera funesta que causou infinitos males aos aqueus e precipitou ao Hades muitas almas valorosas de heróis, a quem fez presa de cães e pasto de aves – cumpria-se a vontade de Zeus – desde que se separaram, disputando, o Átrida, rei de homens, e o divino Aquiles”,<sup>22</sup> conforme resume o primeiro canto. Logo a seguir, esclarece-se que a ruptura entre os dois generais helenos deveu-se a uma mulher, Briseida, escrava de Aquiles, mas confiscada por Agamemnon, que, assim, compensava a perda de outra escrava, Criseida, que ele teve de devolver a seu pai, o sacerdote Crises.

---

<sup>21</sup> Cf. por exemplo a perspectiva da Estética da Recepção e, em particular, os ensaios de Hans Robert Jauss, por exemplo em JAUSS, Hans Robert. *La literatura como provocación*. Barcelona: Península, 1976.

<sup>22</sup> HOMERO. *La Ilíada*. Trad. de Luís Segalá y Estalella. 2. ed. Buenos Ayres: Losada, 1941. p. 35.

Por sua vez, a vingança de Aquiles também decorre da interferência de uma mulher: desgostoso com o tratamento recebido de Agamemnon, o chefe dos mirmidões apela à sua mãe, Tétis, e pede-lhe que ela interfira em seu favor junto a Zeus, solicitando ao rei dos deuses que provoque a derrota contínua dos aqueus, empurrando-os de volta até suas naves. Tétis prontifica-se a ir pessoalmente ao Olimpo; mas procura Zeus, quando esse se encontra sozinho e dirige sua súplica, após “acomoda[r]-se junto a ele, abraç[ar] seus joelhos com a mão esquerda, [e] tocar-lhe a barba com a direita”.<sup>23</sup> O soberano compromete-se a fazer o que Tétis pede, mas, ao mesmo tempo, diz-lhe que essas intenções terão de ser ocultadas de Hera, sua esposa, favorável ao exército grego, em detrimento dos troianos. Com efeito, a deusa, suspeitando do encontro do marido com Tétis, cobra-lhe explicações, a que Zeus retruca, dizendo a ela que não deve intervir nos seus assuntos particulares.

As duas cenas não parecem, à primeira vista, apropriadas a uma epopéia: na primeira, um filho, choroso e carente, suplica à mãe que use seu encanto em benefício dele; na segunda, uma bela mulher recorre a seu charme pessoal para, sigilosamente, obter a ajuda do poderoso deus. Por sua vez, os dois solicitantes são atendidos, circunstância de que decorre a maior parte dos eventos narrativos.

Se o ponto de partida da *Ilíada* é a cólera de Aquiles, a continuidade do poema depende dos ardilosos jogos de sedução expostos no primeiro canto. A *Odisséia* desdobra essa técnica, plantando os fatos relatados sobre os logros e os artifícios arquitetados pelas personagens. Ulisses, o protagonista, celebrizou-se por conceber a estratégia do cavalo de madeira, que faculta aos aqueus a conquista da até então inexpugnável cidade de Tróia. Além desse feito renomado, ele engana o ciclope Polifemo, dizendo chamar-se Ninguém e, com isso, salva-se e a seus companheiros da brutalidade do gigante. Quando retorna à Ítaca, terra de que era o legítimo rei, vale-se de mais um stratagem: disfarça-se de mendigo, para, irreconhecível, vencer os adversários, retomar o poder e liberar Penélope, ameaçada pelos que pretendiam desposá-la, na crença de que a rainha enviuvava.

Penélope, da sua parte, não é menos ardilosa: logra os pretendentes, dizendo-lhes que não podia voltar a casar enquanto não terminasse de tecer a mortalha destinada a Laertes, seu sogro, atividade infundável, porque o manufaturado durante o dia é desmanchado à

---

<sup>23</sup> Id. p. 49.

noite. Quando recebe Ulisses de volta, após vinte anos de ausência, leva-o para uma câmara onde o herói não reencontra o leito nupcial, o que o obriga a recordar a cama que ele mesmo talhara, quando de seu matrimônio. Só depois de o marido relatar as aventuras vividas enquanto estivera fora e como esculpira o móvel original, ela reconhece e aceita de novo o esposo.

A *Ilíada* e a *Odisséia* são, pois, terrenos minados, povoados de armadilhas em que as personagens podem ou não cair. São os protagonistas e seus aliados as figuras que seguidamente plantam os embustes, por meio de metamorfoses, disfarces físicos ou verbais, encantamentos, seduções. Quando não são os responsáveis pelo logro, sabem como reconhecê-lo e evitá-lo, o que confirma sua aptidão para o papel de herói e figura destinada a provocar a identificação do destinatário, seja o ouvinte, no caso das epopéias originais, ou o leitor, na nossa condição contemporânea.

Os ardis com que o herói e seus aliados vencem os antagonistas ou os perigos colocados à sua frente são igualmente o modo como a obra assegura seu público, cativado por uma ação inusitada, criativa e desafiadora. É nesse sentido que se pode pensar que as ciladas dos textos são semáforos das armadilhas colocadas para seduzir o leitor e assegurar seu interesse pelo relato poético.

Ciladas, ardis, armadilhas são, pois, metáforas da leitura, desarticulando as expectativas do destinatário. Transgressoras por natureza, elas configuram o poder de provocar e desestabilizar que a literatura carrega consigo. Nem sempre agradam a quem detém a autoridade e determina os valores; mas são inevitáveis, e o leitor acaba por se render a seu fascínio.